

REAIS HOSPITAIS MILITARES EM PORTUGAL ARQUITETURA, PATRIMÓNIO E ARTE

AUGUSTO MOUTINHO BORGES*

D. João IV (1604-1656), rei de Portugal a partir de 15 de dezembro de 1640, incumbiu, por Alvará de 4 de maio de 1645, os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus para administrarem os Reais Hospitais Militares¹ durante o período belicista que se instalou na Península Ibérica entre 1640-1668, conhecido como Guerras da Aclamação. O Santo, João de Deus (1495-1550), nascido em Portugal e falecido em Granada, é considerado o fundador do hospital moderno, motivo pelo qual os governantes da Europa requeriam os serviços da sua Ordem assistencial. No *esforço de guerra português* fundaram-se os *hospitais de campanha*, com especial incidência nas praças de guerra de cariz abaluartado e ao longo da fronteira com Espanha².

Desde o século XVII até ao século XIX em Portugal construíram-se e adaptaram-se edifícios públicos, religiosos e civis para neles se fazerem *hospitais militares*, com o objetivo concreto de proporcionar assistência hospitalar aos soldados doentes e enfermos. Inicialmente, a atribuição assistencial era específica para os Reais Hospitais Militares da Província do Alentejo, das praças-fortes de Elvas, Olivença e Campo

* CLEPUL, Cátedra Infante Dom Henrique-UAberta. Academia Portuguesa de História, Comissão Portuguesa de História Militar. Investigador do Projeto *Hospitalis — Arquitetura Hospitalar em Portugal nos alvares da Modernidade: identificação, caracterização e contextualização* (PTDC/ART-HIS/30808/2017).

¹ AHM – 1Div, 2Sec, cx. 12, n.º 2. Alvará de 4 de maio de 1645.

² Após a Restauração de 1640, assistimos a uma verdadeira construção de fortalezas abaluartadas ao longo da raia que tinham por objetivo defender a fronteira contra qualquer tentativa de invasão espanhola.

Maior, mas, a partir de 1646, rapidamente se alastrou a todo o reino, como podemos analisar pela cronologia em anexo, começando pela vila e praça de Monção.

Sabemos hoje, pela análise estudada em torno da assistência hospitalar, que foi definida uma *rede hospitalar militar ao longo da raia*, denominados *Hospitais Militares de campanha*, e outros mais recuados, designados por *Hospitais Militares de retaguarda*³. Os Hospitais Militares criaram a sua própria identidade, identificando-se no reino como Reais Hospitais Militares de S. João de Deus. Ainda hoje encontramos na toponímia das localidades de Ponte de Lima, de Chaves, Miranda do Douro, Almeida, Penamacor, Castelo de Vide, Olivença, Campo Maior, Elvas, Vila Viçosa, Castro Marim, Lagos e Lisboa essa mesma alusão referencial.

O Padre Bautista de Castro (1700-1775), na relação dos Reais Hospitais Militares que havia no reino no século XVIII, sob a administração dos Irmãos Hospitaleiros, refere a existência de 20 hospitais que se invocavam a S. João de Deus, 3 sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, 1 a Santo André e 1 a Nossa Senhora da Glória⁴.

O apoio assistencial não era exclusivo da Ordem Hospitaleira, nem os Hospitais Militares se circunscreviam exclusivamente aos já referenciados, existindo outros em praças de guerra fundamentais para a defesa do reino, tais como no Porto ou em Cascais. Contudo, no panorama nacional os Irmãos Hospitaleiros (OH) detinham a hegemonia administrativa e a supremacia técnica face a um reino que centrava o ensinamento das práticas médicas na Universidade de Coimbra. A aprendizagem dos Irmãos Hospitaleiros era realizada e transmitida no Convento-hospital de Elvas, tal como nos chegou informação impressa na *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros* de 1741⁵. Pela obra referida, constatamos que a formação era pluridisciplinar, conclusão indiscutível pela análise dos diversos manuais que nos chegaram até hoje realçando, entre outros, o manuscrito de Frei Joseph Correia, *S. João de Deus Pai dos Pobres*, de 1731, e dos *Suplementos de Hospitalidade* de 1666, 1779 e 1801, existentes na livraria do Convento-hospital de Lisboa.

O contributo analítico do modelo hospitalar dos religiosos de S. João de Deus constitui, no século XVIII, um exemplo da orgânica assistencial para todas as cortes europeias, transcrevendo o exemplo que o médico português António Ribeiro Sanches (1699-1783), natural de Penamacor, dá na sua obra *Tratado da Conservação da Saude dos Povos*:

³ AHM – 1Div, 2Sec cx. 12, n.º 3.

⁴ CASTRO, 1763: 105-109. Este autor dá-nos uma listagem dos conventos em Portugal da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus: 3 em Montemor-o-Novo, 2 em Lisboa, 1 em Elvas, 1 em Campo Maior, 1 em Moura, 1 em Estremoz, 1 em Olivença, 1 em Castelo de Vide, 1 em Lagos, 1 em Salvaterra do Extremo, 1 em Penamacor, 1 em Almeida, 1 em Coimbra, 1 em Monção, 1 em Bragança, 1 em Chaves e 1 em Miranda do Douro. Até ao presente encontramos referências a S. João de Deus e aos Irmãos Hospitaleiros nestas localidades, acrescentando em Ponte de Lima, sem invalidarmos hipóteses de existirem na atualidade, ou no passado, outras alusões.

⁵ SANTIAGO, 2005.

Estão os Hospitais ordinariamente fundados no meio das cidades, ou pela facilidade de transportarem ali os enfermos, ou porque aumentando-se o número dos habitantes, o edifício, que estava antigamente nos arrabaldes, se acha hoje no meio delas... Mas a sua vastidão é o defeito mais considerável; e por consequência o número dos enfermos desde a sua entrada nele até acabasse a vida, ou a enfermidade. É certíssima observação que quantos mais enfermos estiverem em um hospital, muitos mais morrerão, e que quanto mais os hospitais forem pequenos, muito mais, proporção guardada se curarão nele.

No Hospital Real de Paris, chamado Hotel de Dieu, há constantemente 1.300 camas ocupadas: no espaço de um ano entram nele cerca de 18.000 a 20.000 enfermos. Morre a quarta parte deste número, quero dizer, de quatro mil e quatrocentos a cinco mil enfermos.

O Hospital dos Frades de S. João de Deus da mesma cidade tem constantemente sessenta camas ocupadas: no espaço de um ano entram nele cerca de 2.200 a 2.300 enfermos. Não morre mais que a oitava parte, quero dizer, de 275 a duzentos e noventa e um enfermos. Daqui se vê que as mortes nos Hospitais se aumentam à proporção do maior número dos enfermos⁶.

Pela análise das plantas dos Hospitais Militares, administrados pelos Irmãos Hospitais de S. João de Deus, verificamos que os hospitais eram de pequenas e reduzidas dimensões. Temos, como exceção o Convento-hospital de Lisboa, sublinhando a importância técnica do saber hospitaleiro para a conceção orgânica do próprio espaço edificado, tal como vemos na primeira construção-tipo na cidade de Angra do Heroísmo, no Hospital Militar da Boa Nova⁷. Além deste exemplar referimos outras plantas com risco do Real Corpo dos Engenheiros Militares e nos edifícios que chegaram até hoje e que constituem parte do acervo do Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar (DIE-GEAEM)⁸. Pela análise desenvolvida noutros estudos, temos vindo a afirmar⁹ que os Reais Hospitais Militares constituem um dos mais emblemáticos *empreendimentos de aparato*¹⁰, associados à componente da logística, não os podendo dissociar da sua localização geográfica e espacial, urbana, arquitetónica e, sem dúvida, a artística e a cultural.

⁶ SANCHES, 1757: 138-139.

⁷ MENESES, 1930.

⁸ Agradecemos aos diretores do Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar e do Arquivo Histórico Militar todo o seu prestimoso apoio.

⁹ Depois deste nosso estudo doutoral e sua publicação há diversos compiladores que utilizam as mesmas terminologias por nós apresentadas como sendo de sua autoria, sem indicarem as fontes ou nunca terem consultado os arquivos e fontes primárias.

¹⁰ Denominação que tenho vindo a utilizar para caracterizar a arquitetura utilizada na construção dos Reais Hospitais Militares no contexto dos equipamentos militares em Portugal. Sobre os equipamentos militares *vide* CONCEIÇÃO, 2002: 240-241.

Na Beira Alta e Baixa encontramos três Reais Hospitais Militares de S. João de Deus, um na Praça de Almeida, que teve um papel fundamental como sede do Governo Militar da Beira Alta, desde 1641, um na Praça de Penamacor como sede do Governo Militar da Beira Baixa, desde 1645, e um em Salvaterra do Extremo, infelizmente destruído na campanha militar do Pacto de Família, em 1762¹¹.

Constatamos que na Beira os Reais Hospitais Militares eram edifícios que sobressaíam do vulgo construído, bastando para isso analisar as inúmeras plantas da praça-forte de Penamacor. Nesta vila consultamos a planta¹² onde se implantaram os principais edifícios e equipamentos militares sobressaindo, do seu todo, o Real Hospital Militar.

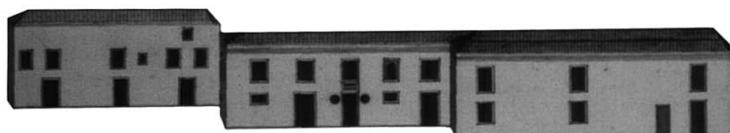


Fig. 1. Real Hospital Militar de Penamacor, ca. 1760

No início da Guerra da Aclamação, entre 1646-1668, adaptaram-se para o efeito, nas praças de guerra, ou construíram-se de raiz, os seus Reais Hospitais Militares, tal como ainda hoje podemos observar em alguns exemplos edificados, desde o norte até ao sul do país. De toda a estrutura arquitetónica assistencial subjacente *in situ*, é o Real Hospital de S. João de Deus, da Praça de Penamacor que ainda mantém íntegra a sua orgânica inicial com o presente. Além disso temos um pormenorizado conjunto documental e volume arquitetónico construído, que nos permite analisar, no tempo e no espaço, a sua história, desde a génese até à atualidade¹³, podendo contextualizar o seu espaço e a sua memória, desde a sua construção até às diferentes utilizações.

A presença dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus em Penamacor, manteve-se, sendo estes responsáveis pela estrutura assistencial durante cerca de 120 anos. O seu apoio clínico foi fundamental no século XVII (Guerras da Aclamação) e no século XVIII (Guerra da Sucessão de Espanha, 1701-1714, e Guerra dos Sete Anos, 1756-1763), onde Portugal foi invadido em 1762 e bastante martirizado durante a mobilidade das tropas invasoras.

¹¹ BORGES, 2009a: 94-95.

¹² DIE-GEAEM - 3170-I-2A-27-39.

¹³ BORGES, 2009a: 94, 216.

A presença dos Irmãos Enfermeiros realizava-se da seguinte forma; os religiosos eram destacados pelo conselho provincial, sediado em Lisboa, para se deslocarem para os Reais Hospitais Militares ao longo de todo o reino e províncias ultramarinas, onde deviam exercer Hospitalidade, tal como aconteceu em 1715¹⁴, estando Fr. Manuel da Purificação no Convento-hospital de S. João de Deus, em Penamacor, sendo Prior Administrador deste Hospital Fr. António Eduardo de S. José.

Nos casos estudados, constatamos a presença de um espaço contíguo aos Reais Hospitais Militares, denominados como *a cerca*¹⁵, e que tinha áreas e funções específicas para utilização interna, das quais realçamos a existência de um poço. Na cerca plantavam-se as ervas medicinais, que iriam abastecer a botica¹⁶, assim como serviam para a proliferação das aves de capoeira, que iriam ser utilizadas na dieta alimentar dos enfermos. A cerca comunicava diretamente com o exterior através de um portão carral, tal como constatamos no Convento-hospital em Lisboa.

Desde que o Hospital Real Militar fosse projetado de raiz encontramos, no alçado principal exterior, um nicho para aí se colocar uma estátua do Santo Patrono, S. João de Deus. Ainda hoje podemos observar, em Elvas e em Ponte de Lima, o referido nicho, com a respetiva estátua em terracota e pedra granítica¹⁷. Em Penamacor, o nicho, inicialmente projetado, deu lugar a uma janela, sendo possível observar o pormenor do nicho desenhado em planta do século XVII. Em virtude de serem edifícios régios não encontramos, em nenhuns deles, o brasão de armas da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus. Em Ponte de Lima no edifício assistencial¹⁸ estão colocados os brasões de armas reais e dos marqueses de Ponte de Lima, pois foi quem ordenou a construção do referido Hospital Militar.

A simbiose que foi delineada nas praças de guerra é mais que perfeita, interrelacionando-se a atividade assistencial com a interação social e urbana. O edifício não se localizava no interior de nenhuma construção militarizada, mas autónoma, e relativamente próxima da estrutura defensiva e de entrada da cidade¹⁹. Por outro lado, a equidistância da porta magistral e da poterna permitia acolher rapidamente os enfermos que necessitavam de cuidados hospitalares, que normalmente eram transportados em carretas ou padiolas pelos «não combatentes». Relativamente ao desenvolvimento interno da componente assistencial, caracterizamos os imóveis com cinco

¹⁴ BORGES, 2009a: 63.

¹⁵ Os Reais Hospitais Militares eram organizados com a matriz da existência de três áreas fundamentais: o edifício assistencial, a cerca e o campo santo (BORGES, 2009a).

¹⁶ Tal como noutros edifícios assistenciais: Hospital da Boa-Nova, na cidade de Angra, nos Açores, Hospital S. João de Deus, em Lisboa e Moura, entre outros.

¹⁷ Sobre a iconografia de S. João de Deus *vide* BORGES, 2008.

¹⁸ No presente o edifício é a sede do quartel dos Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima.

¹⁹ Porta de Santo António. Perto havia uma poterna, ou porta falsa, que permitia o livre-trânsito para o Real Hospital Militar, atual Rua João de Deus.

áreas fundamentais e que constituem a essência tipológica do que hoje entendemos ser um Real Hospital Militar, e que está bem patente no edifício de Penamacor:

- I – Enfermarias;
- II – Mesa de cirurgia, Hospital de Sangue e botica;
- III – Setor administrativo, capelania e comunidade dos Irmãos;
- IV – Serviços (cozinha, cisterna, poço, latrinas e adega);
- V – Cerca (plântio de ervas aromáticas, medicinais, desinfestação, capoeiras).

Por algumas das plantas dos hospitais analisadas, constatamos que o centro orgânico é constituído pelas enfermarias gravitando, à sua volta, as outras dependências necessárias ao seu funcionamento, tais como: *cozinha, quarto do cozinheiro, porteiro e enfermeiros de serviço, sala das cirurgias e as casas de despejos* (latrinas). No interior das enfermarias superiores, encontramos um oratório, onde estaria a imagem do Santo Patrono da Hospitalidade. Todo este complexo sistema orgânico estende os seus laços ao cemitério comum.

Podemos analisar as importâncias que tinham os Reais Hospitais Militares no contexto orgânico defensivo nas praças de guerra. Realçamos a forma como estes se encontravam localizados e constituídos, procurando os seus projetistas algum resguardo e abrigo contra a artilharia que arruinava muitos edifícios. Pela análise de três praças da raia, de Penamacor, Almeida e Elvas²⁰, encontramos algumas afinidades sobre a sua localização, implementação e orgânica interna²¹.

Nas três vilas e praças de guerra mencionadas, constatamos que os quartéis se localizavam ao longo das muralhas, servindo os baluartes para demarcar áreas distintas entre eles. O conjunto de equipamentos militares constituídos pela Principal (quartel-general de comando nas fortalezas), Palácio do Governador (residência atribuída ao governador militar durante a sua estadia nas fortalezas), Vedoria (muitas vezes designado como palácio, era o edifício onde se cobravam e recebiam impostos, se guardavam os livros da gestão associada ao desempenho militar, se pagava o pré e onde se pagavam as despesas relacionadas com o exercício militar, como compras de alimentação e às boticas, entre outras). Quer os edifícios referidos, quer o Hospital Militar encontravam-se implantados no interior do tecido urbano ou, no caso de Penamacor, também em local estrategicamente defensável contra a artilharia e contra qualquer ataque aos panos da muralha abaluartada.

As informações documentais que temos sobre o mobiliário e equipamento existentes nos Reais Hospitais Militares consistem, essencialmente, em dois vetores, civil e religioso:

²⁰ Em estudos anteriores desenvolvemos análises paralelas que enriquecem a afirmação que apresentamos.

²¹ BORGES, 2009a: 78-80.

I. Civil, utilizado no hospital para serviços de saúde

Numa primeira fase, entre 1645-1646, os Alvarás Reais são muito restritos quanto ao sector administrativo, exigindo-se apenas um inventário de bens e a existência de dois livros rubricados, um para as receitas e outro para as despesas, atribuindo aos religiosos de S. João de Deus quais as profissões e funções a desempenharem no Hospital Militar, que era o de «médico, cirurgião, escrivão, sangrador e capelão que houve(r) em cada hospital».

II. Religioso, utilizados na capela e para os serviços religiosos

Além das imagens de S. João de Deus e S. Rafael que existiam nas capelas dos Reais Hospitais Militares podemos imaginar, através do inventário de 1763, pertencente à Praça de Almeida²², qual o património de cariz religioso existente nesses locais. Pelo que podemos constatar, sobre os equipamentos civis e religiosos, os Reais Hospitais Militares estavam muito bem apetrechados constituindo, no passado, um dos componentes essenciais no âmbito dos valiosos equipamentos militares, existentes nas praças de guerra.

As capelas e as boticas, quando as havia, comunicavam com o exterior. Nesta análise podemos afirmar que a botica dos Hospitais Militares teve um papel fundamental para a implementação do conceito social do serviço de saúde pública, sendo a capela um dos locais centrais da componente espiritual. A riqueza decorativa e dos bens, com que estas se encontravam, dão-nos uma ideia da dimensão estética, podendo antever a circulação de imagens de S. João de Deus existentes nas praças de guerra e da devoção que Portugal tinha por este Santo.

O corpo residente dos Irmãos Hospitaleiros variava entre os quatro (para os hospitais mais pequenos) e de quatro até seis para os maiores. Os Hospitais tinham os seguintes profissionais: almoxarife, fiel, médico, cirurgião, sangrador, enfermeiros religiosos, ajudantes de enfermeiros, cozinheiro e seu ajudante, moço das compras (para ir ao açougue, comprar hortaliças e outros serviços), caneiro (tratar dos bois, ir à fonte com o carro, trazer lenha e palha), forçados (para os despejos, lavagens e limpezas das enfermarias e lavagens dos doentes), lavadeiras (tratar as roupas sujas desde a lavagem até serem engomadas) e naturalmente os capelães do regimento e religiosos para os serviços assistenciais²³.

Sobre os cuidados a ter com os enfermos não podemos deixar de analisar o prescrito na já referida *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros*, do reverendo Padre Fr. Diogo de Santiago. Esta sebenta circulou pelos hospitais militares, formando muitos dos religiosos de S. João de Deus que saíam do Convento-hospital de Lisboa e irradiaram pelo rei-

²² AHM – 3Div., 9Sec., cx.28, n.º 3.

²³ CARVALHO, 1950: 228.

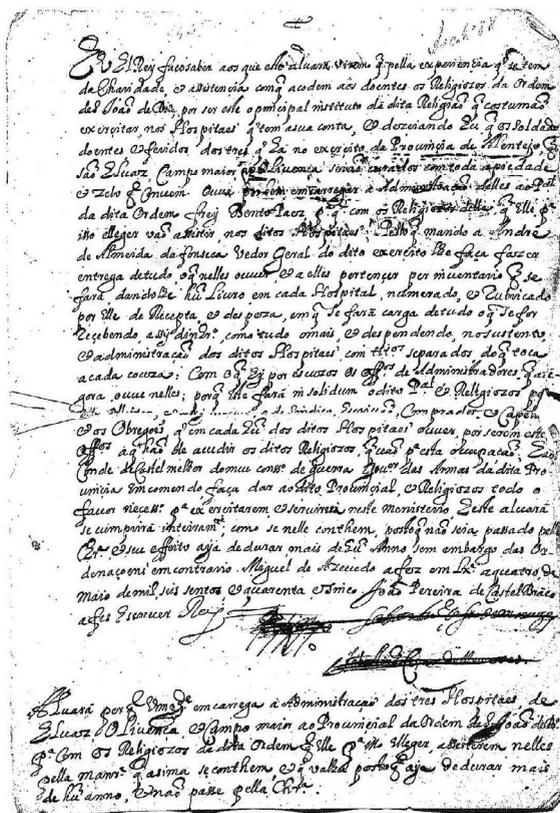


Fig. 2. Alvará de 1645, D. João IV

Fonte: AHM

no. Neste documento, imprescindível para compreendermos os conceitos dos cuidados aos militares, antevemos a dinâmica humanística, pela qual o rei D. João IV incumbiu os Irmãos Hospitaleiros para administrarem os Hospitais Reais Militares, em zonas de grandes probabilidades de conflitos armados.

No século XVIII houve grande incentivo para a instalação de galinheiros e coelheiras nos Reais Hospitais Militares, em complemento à dieta alimentar dos enfermos. Há documentos referentes à alimentação exercida nestes locais. A cozinha dos hospitais estava localizada no piso 0 (rés do chão), juntamente com outros espaços destinados ao quotidiano. Entre eles salientamos a existência de uma adega, onde seriam armazenadas quantidades necessárias de vinho corrente e de maior teor alcoólico para os tratamentos prescritos na época, nomeadamente para servir, entre outros, de analgésico e garantir as *sopas de cavalo cansado* para os internados, como forma de rejuvenescimento. Esta adega ainda é visível no corpo poente do Convento-hospital de S. João de Deus, em Lisboa, e em Penamacor.

Na maior parte dos casos estudados podemos concluir que os Reais Hospitais Militares constituíam um grupo edificado específico, encontrando-se em perfeita harmonia arquitetónica e de serviços, caracterizados como equipamentos militares que, entre 1645 e 1834, desempenharam especiais funções para a logística militar ao longo dos séculos.

O Convento-hospital de S. João de Deus, em Lisboa, era a sede de toda a rede assistencial militar existente em Portugal, edifício basilar para a contextualização de outros edifícios a serem construídos e definidos em território nacional, tendo como modelo o grande complexo conventual que ainda é possível admirar.

CRONOLOGIA GERAL REAIS HOSPITAIS MILITARES EM PORTUGAL, 1645-1834

A presente cronologia tem por base diversos estudos desenvolvidos sobre a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal, permitindo uma visão interdisciplinar da história das Ciências da Saúde e dos Hospitais Militares ao longo de 189 anos.

- 1571 (7 de julho) – Na batalha naval de Lepanto encontravam-se 8 Irmãos Hospitaleiros para cuidar dos feridos.
- 1580 – Invasão de Portugal pelo exército espanhol. O rei espanhol Filipe II, tornou-se rei de Portugal como Filipe I. Presença de três Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus no Castelo de S. Jorge, em Portugal, para cuidar da guarnição espanhola, quer do Exército, quer da Armada.
- 1586 – Foi concedida à Congregação dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus a categoria de Ordem.
- 1587 – Fundação do Hospital dos Soldados no Castelo de S. Jorge, em Lisboa.
- 1588 – Na Armada Invencível, que tinha como objetivo conquistar Inglaterra, seguiam Irmãos Hospitaleiros para cuidar dos feridos.
- 1595 – Conclusão da igreja no Hospital dos Soldados no Castelo de S. Jorge, em Lisboa.
- 1606 – O Irmão João Pecador e o Irmão João Lopes Pinheiro chegaram a Montemor-o-Novo para construírem um oratório em honra e memória de João de Deus, fundador da Ordem de seu nome, na casa onde nasceu.
- 1612 – Construção do Hospital Militar da Boa Nova, em Angra, na Ilha Terceira, entregando-se a sua administração à Ordem Hospitaleira de S. João de Deus.
- 1624 – Fundação do Hospital Militar em S. Salvador da Baía, no Brasil.
– Fr. Francisco Sforzia (espanhol), Fr. Sebastian de S. Juan de Dios (espanhol), Fr. Miguel de Jesus (português) e Fr. Francisco de Jesus Maria (português) faleceram na Armada Espano-Portuguesa, assistindo os soldados embarcados em S. Salvador da Baía, no Brasil.

- 1625 – Início da construção do complexo conventual e hospitalar de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo.
- 1629 – Doação do Comissário-geral da Bula das Cruzadas D. António Mascarenhas de suas casas na Pampulha, em Lisboa, à Ordem Hospitaleira de S. João de Deus para construção de um Convento-hospital para apoio a clérigos, nobres e oficiais que regressavam do Império sem recursos económicos para sua manutenção.
– Os Irmãos Fr. S. João de S. Bernardo e Fr. Melchior Mendes foram os responsáveis pela abertura do Convento-hospital de S. João de Deus, à Pampulha, Lisboa.
- 1630 – Beatificação de S. João de Deus, pelo Papa Urbano VIII.
- 1632 – Fundação do Hospital de Paraíba, no Brasil.
- 1633 – Fr. Domingos Pecador obteve licença para ampliar o Convento de S. João de Deus, em Montemor.
– Fundação do Hospital de Pernambuco, no Brasil.
- 1634 – Fundação do Hospital de Parmoia, no Brasil.
- 1637 – Conclusão da construção da igreja conventual de Lisboa, como se indica em data colocada na porta.
- 1638 – Irmãos Hospitaleiros integraram a armada luso-espanhola para a Índia de forma a fundarem hospitais nessa colónia.
- 1640 – Os Irmãos portugueses separaram-se da Congregação espanhola e conseguiram, através de um Breve, expedido pelo Papa Urbano VIII, eleger o Irmão Benedito Pais como Vigário com as faculdades de Geral.
– (1 de dezembro) – Revolução portuguesa que aclamou a Casa de Bragança e D. João IV como rei de Portugal.
– Extinção do Hospital do Castelo, em Lisboa.
- 1641 – D. João IV ordenou que todos os religiosos espanhóis regressassem ao seu país. Foram criados, ao longo da raia, diversos hospitais de campanha para acudir aos feridos nas campanhas da Guerra da Restauração (1640-1668).
– Entrega do Real Hospital Militar do Castelo de S. Jorge à administração dos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus.
– Fr. Pedro de Alvenara Gretta foi preso no Real Hospital Militar do Castelo de S. Jorge, em Lisboa.
- 1642 – Publicado o Regimento dos Hospitais das Fronteiras feito pelos Visitadores dos Hospitais.
– Abertura do Hospital do Castelo, em Lisboa.
- 1643 – Fundação do Real Hospital Militar de Elvas, em Portugal.
– Fundação do Real Hospital Militar de Valença do Minho, em Portugal.
- 1645 (4 de maio) – Alvará régio onde se incumbem os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus de administrar e organizar os Reais Hospitais Militares no reino de Portugal, nas Praças de Elvas, Campo Maior e Monção.

- Fr. Bento Pais era Provincial e tinha o cargo de Enfermeiro-mor e Administrador dos Hospitais Militares.
- 1646 – Alvará régio (sem data) onde se incumbem os Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus de fundar, administrar e organizar os Reais Hospitais Militares no reino de Portugal.
- 1657-60 – Fr. Francisco de Carvalho foi nomeado Provincial e, por inerência, Enfermeiro-mor dos Reais Hospitais Militares.
- 1658 – Foi reeditada a obra de D. Fr. António de Gouveia, *Historia de la vida, muerte y milagros de fr. Juan de Dios*. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, 1658. Obra dedicada a D. João de Mascarenhas, 2.º conde da Torre, mais tarde 1.º marquês de Fronteira.
- 1660 (22 de maio) – Decreto régio para um Irmão de S. João de Deus presidir às obras no Real Hospital Militar do Castelo de S. Jorge, em Lisboa. Obras de ampliação e melhoramentos no Real Hospital Militar do Castelo de S. Jorge em Lisboa, Portugal.
- 1663 – Fr. Matias de Quintanilla Cedrón, médico e cirurgião foi Prior em Palência e em Lisboa, Procurador e Assistente-mor Geral faleceu no Convento-hospital de S. João de Deus, em Madrid.
- 1664 – Fr. Manuel dos Anjos foi nomeado Provincial e, por inerência, Enfermeiro-mor dos Reais Hospitais Militares.
- 1668 (13 de fevereiro) – Fim das Guerras da Aclamação. O conde da Torre propôs em Conselho de Guerra a extinção de todos os Reais Hospitais Militares, ficando apenas o do Castelo para assistir aos soldados, em Lisboa, o que não aconteceu.
- 1681 – Fundação do Real Hospital Militar na Fortaleza de Moçambique.
- 1685 – Fundação do Real Hospital Militar de Goa, na Índia.
- 1686 – Fundação do Real Hospital Militar de Baçaim, na Índia.
- 1687 – Fundação do Real Hospital Militar de Diu, na Índia.
- 1689 – Fundação do Hospital do Recife, no Brasil.
- 1691 – Promulgação da Bula de Canonização de S. João de Deus.
- 1695 – Fundação do Hospital de Damão, Índia, com obrigação de dar assistência aos militares e aos moradores.
- 1704 – Alvará que retirou a administração dos Reais Hospitais Militares, em Portugal, aos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, continuando como enfermeiros. No entanto, em alguns casos, continuaram como administradores.
- 1716 – O Convento-hospital de S. João de Deus em Montemor-o-Novo tinha 20 camas.
 O Convento-hospital de S. João de Deus em Lisboa tinha 13 camas.
 O Convento-hospital de S. João de Deus em Moura tinha 22 camas.
 O Convento-hospital de Santo André em Montemor tinha 20 camas.

- O Real Hospital Militar de Nossa Senhora da Conceição, no Castelo de S. Jorge, em Lisboa tinha 40 camas.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus em Elvas tinha 22 camas.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus em Olivença tinha 20 camas.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus em Estremoz tinha 15 camas.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus em Campo Maior tinha 20 camas.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus em Ponte de Lima tinha 14 camas.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus em Castelo de Vide tinha 18 camas.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus em Lagos tinha 12 camas²⁴.
- ca. 1735 – Revestimento azulejar, da autoria de Valentim de Almeida, com lambrins no átrio de entrada do Convento-hospital de S. João de Deus, em Lisboa, representando sete passagens da vida e obra de S. João de Deus: Nascimento em Montemor-o-Novo, Queda do cavalo e aparição de Nossa Senhora, Pastor em Oropesa, (sul) Sermão do Mestre João d'Ávila, Internado no Hospital Real de Granada, Acusado de fazer lume quando chovia.
- 1741 – Foi publicado em Portugal o primeiro livro de enfermagem para os Hospitais Militares: *Postilla Religiosa, e Arte de Enfermeiros: Guarneçada com eruditos conceitos de diversos Authores, facundos, Moraes e Escriturarios pelo Padre Fr. Diogo de Santiago, religioso de S. João de Deus, com que educou, e praticou aos seus Novços, sendo Mestre delles no Convento de Elvas, para perfeição da vida Religiosa, e voto da Hospitalidade [...]*.
- 1755 (1 de novembro) – Terramoto de Lisboa. O Convento-hospital não sofreu grandes danos com o terramoto, sendo transformado em Hospital da Corte.
- O Real Hospital Militar de S. João de Deus no Castelo de S. Jorge ruiu, não se voltando a reconstruir.
- 1756 – O Hospital da Corte tinha quatro enfermarias: Santa Ana, S. Rafael, S. Lázaro e Santo Onofre.
- Foi publicada a obra *Tratado da Conservação da Saúde dos Povos* do médico António Ribeiro Sanches, com referências qualitativas aos cuidados assistenciais realizados pelos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus nos seus hospitais.
- 1759-65 – O Padre Fr. Luís António da Piedade foi nomeado Enfermeiro-mor do Real Hospital Militar do Castelo de S. Jorge, em Lisboa, que funcionava em casa adaptada para o efeito em virtude do anterior ter ruído com o Terramoto de 1755.
- 1761 – Fr. Francisco de Aragão, Hospitaleiro, foi nomeado Enfermeiro-mor do reino.
- 1762 – Invasão de Portugal pelo Exército espanhol na denominada Guerra Fantásti-

²⁴AGF – *Conventos*. Nomes de Conventos, Camas, Enfermos, Religiosos e Fundação. Cota: n.º dir. 5. Para além da informação relativa aos conventos de Portugal a relação estende-se para os restantes reinos europeus, podendo-se fazer uma análise global sobre o funcionamento da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus nesse período.

- ca, tendo ocupado várias praças da raia, em Trás-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa.
- 1765 – Regulamento das Instruções para o Hospital Militar da Corte.
- 1797 – Alvará da fundação do Hospital da Marinha.
– Alvará a confirmar o Regulamento dos Hospitais Militares de Campanha.
- 1801 – Publicado em Lisboa o *Suplemento do manual da Ordem da Hospitalidade de Nosso Padre São João de Deus que contém tudo o que costuma cantar-se nas funções da Província de Portugal e dos Algarves*.
- 1802 – O Hospital Militar da Corte deixou o Convento-hospital de S. João de Deus, na Pampulha, e instalou-se no convento dominicano da Estrela, sob a designação de Hospital Militar Principal.
- 1805 – Foi promulgado em Portugal o *Regulamento para os hospitais militares de sua Alteza o Príncipe Regente Nosso Senhor, tanto em tempo de paz como em tempo de guerra*.
- 1807/1808 – 1ª Invasão Francesa. Deslocação da Corte para o Brasil. As tropas do exército de Junot ocuparam o Convento-hospital de S. João de Deus, em Lisboa, para quartel.
- 1809 – 2ª Invasão Francesa.
- 1810 – 3ª Invasão Francesa.
– O Provincial Fr. Álvaro de S. José Figueiredo fez uma exposição ao governo português onde salientou a ação caritativa dos Irmãos Hospitaleiros nos Reais Hospitais Militares onde desempenharam as suas funções.
- 1813 – Após a retirada dos franceses os Irmãos Hospitaleiros tinham a seu cargo os Reais Hospitais Militares de Almeida, Campo Maior, Castelo de Vide, Elvas, Estremoz, Moura e Valença do Minho, para além de administrarem os Hospitais de Chaves e Lagos e trabalharem nos de Bragança e Miranda do Douro.
- 1814 – Foi publicada a Ordem do Dia *Relação dos Corpos do Exército e os Hospitais Militares que os apoiam*.
- 1824 – Foi publicada a Ordem do Dia n.º 62 — *Alvará em que subsistem os Hospitais Regimentais e são abolidos os Hospitais Militares*.
- 1830 – Foi publicada a Ordem do Dia n.º 12 — *Instrução para os Hospitais do Exército*.
- 1832 – Início da Guerra Civil em Portugal entre liberais e absolutistas.
- 1834 (26 de maio) – Assinatura da Convenção de Évora Monte e fim da Guerra Civil em Portugal, vencendo os liberais.
– (28 de maio) – Exclaustração das Ordens Religiosas em Portugal e expropriação dos Conventos-hospitais que eram da Ordem Hospitaleira, que integraram o património da Fazenda. Os bens foram incorporados nos Próprios da Fazenda Nacional. Instalação no Convento de S. João de Deus, em Lisboa, de um Quartel da Brigada Real da Marinha. Os outros Conventos foram integrados na fazenda pública.



Fig. 3. Convento-hospital de S. João de Deus, em Lisboa, visto do rio Tejo, ca. 1890

Fonte: AFCM

FONTES

«Anuários da Guarda Nacional Republicana»

Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças

ACMF – *Processo de inventário do Extinto Convento de S. João de Deus de Lisboa.*

Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa

AFCML – *Convento de S. João de Deus de Lisboa, tirado do lado do rio Tejo.*

Arquivo da Guarda Fiscal

AGF – *Conventos. Nomes de Conventos, Camas, Enfermos, Religiosos e Fundação.*

Cota: n.º dir. 5.

Arquivo Histórico Militar

AHM – 1Div., 2Sec., cx.12, n.º 2. Alvará de 4 de maio de 1645.

AHM – 1Div., 2Sec., cx.12, n.º 3. Alvará de 1646.

AHM – 3Div., 9Sec., cx. 28, n.º 3.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT – *Convento de S. João de Deus de Lisboa, Livro das Capelas dos Conventos Extintos de Elvas, Campo Maior, Lagos.*

ANTT – *Convento de S. João de Deus de Lisboa, Livro da capella que instituiu D. Anna Maria viúva de Miguel Coelho de Moura neste convento de Nosso Padre S. João de Deus d'Elvas.*

ANTT – *Convento de S. João de Deus de Lisboa, Livro da fazenda da Província da Ordem de S. João de Deus, 1781, lv. 7.*

- ANTT – *Convento de S. João de Deus de Lisboa*, Livro dos foros e juro de este convento de S. João de Deus de Campomayor 1803-1829.
- ANTT – *Convento de S. João de Deus de Lisboa*, Livro dos Foros do convento e hospital Real de Lagos da ordem de S. João de Deus 1783-1815.
- ANTT – *Convento de S. João de Deus de Lisboa*, Capelas dos Conventos Extintos da Ordem de S. João de Deus, lv. 1, n.º 214.
- ANTT – *Convento de S. João de Deus de Lisboa*, mç. 1 e 2.
- ANTT – *Cartório Notarial de Lisboa*, n.º 1 (antigo n.º 12B), cx. 29, lv. 466, fls. 19-20 v.

Direção de Infraestruturas Gabinete de Estudos Arqueológicos e de Engenharia Militar

DIE-GEAEM – 3170-I-2A-27-39.

- PORTUGAL. Ministério das Obras Públicas (1957) – *Relatório da Actividade do Ministérios nos Anos de 1956*. Lisboa: DGEMN, 1 vol.
- ____ (1959) – *Relatório da Actividade do Ministérios nos Anos de 1957 e 1958*. Lisboa: DGEMN, 1 vol.
- ____ (1960) – *Relatório da Actividade do Ministérios nos Anos de 1959*. Lisboa: DGEMN, 1 vol.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, António Alberto Banha de (1978) – *São João de Deus na sai terra natal*. Évora: A Defesa/Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo.
- ANDRADE, Manuel Moreira de (1998) – *Cartas de S. João de Deus e Síntese da sua vida*. Lisboa: Hospitalidade.
- ARAÚJO, Norberto de (1950) – *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. Lisboa: [s. n.], vol. I.
- ____ [s. d.] – *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, livro 7.
- ATAÍDE, M. Maia, dir. (1988) – *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Lisboa: Junta Distrital, tomo III.
- AZEVEDO, Carlos Moreira (2006) – *As origens dos ciclos iconográficos de S. João de Deus*. In *75 anos da Restauração da Província Portuguesa da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*. Braga: Alcalá/OHSJD, p. 201-219.
- BORGES, Augusto Moutinho (2005a) – *Pertences das capelas dos Reais Hospitais Militares de S. João de Deus*. «Revista Hospitalidade», n.º 268. Lisboa: OHSJD, p. 29-31.
- ____ (2005b) – *Revestimento azulejar na Ordem Hospitaleira de S. João de Deus, elementos para a história da arte em Portugal, séc. XVII-XVIII*. «Revista Hospitalidade», n.º 269. Lisboa: OHSJD, p. 33-35.

- ____ (2005c) – *Iconografia da Ordem Hospitaleira na arte azulejar do século XX em Portugal*. «Revista Hospitalidade», n.º 270. Lisboa: OHSJD, p. 33-35.
- ____ (2006a) – *Os Reais Hospitais Militares de S. João de Deus e a defesa do Alentejo*. «Revista Almançor», n.º 5. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, p. 73-86.
- ____ (2006b) – *O Exército português e a iconografia religiosa, toponímia, Santos Patronos, Irmandades, Confrarias e Capelas*. In *Actas XV Colóquio de História Militar: Portugal Militar*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, vol. 2, p. 727-753.
- ____ (2007a) – *8 de Março, dia de S. João de Deus*. «Revista Fundação Alentejo Terra-Mãe», n.º 5. Lisboa: Fundação Alentejo Terra-Mãe, p. 18-22.
- ____ (2007b) – *S. João de Deus na arte em Portugal*. «Revista Jornadas de História da Medicina da Beira Interior», n.º 18. Castelo Branco: Cadernos e Cultura, p. 96-108.
- ____ (2008a) – *Os Reais Hospitais Militares em Portugal administrados e fundados pelos Irmãos Hospitaleiros de S. João de Deus, 1640-1834*. Lisboa: Faculdade de Ciências Médicas de Lisboa, UNL. Tese de Doutoramento.
- ____ (2008b) – *Domingos Rebelo no Alentejo*. «Revista Almançor», n.º 7. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, p. 212-231.
- ____ (2009a) – *Reais Hospitais Militares em Portugal, 1640-1834*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ____ (2009b) – *Os Reais Hospitais Militares e a Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal (1645-1834)*. In *Catálogo Museu S. João de Deus: Psiquiatria e História*. Lisboa: OHSJD, p. 117-157.
- ____ (2009c) – *S. João de Deus Patriarca*. In *Museu de S. João de Deus: Psiquiatria e História*. Lisboa: OHSJD, p. 117-157.
- ____ (2009d) – *S. Rafael a distribuir o pão*. In *Museu de S. João de Deus: Psiquiatria e História*. Lisboa: Editorial Hospitalidade, p. 85.
- ____ (2010a) – *Ontologia paradigmática do agir em S. João de Deus*. In *Congresso Comemorativo do 10º Aniversário do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, em homenagem ao Prof. Doutor Luís Reis Torgal*. Coimbra: Imprensa da Universidade – CEIS20, p. 235-241.
- ____ (2010b) – *Ordens, Património e Arte*. In ABREU, Luís Machado de; FRANCO, José Eduardo, coord. – *Ordens e Congregações no contexto da I República*. Lisboa: Gradiva, p. 106-135.
- ____ (2010c) – *Azulejaria de S. João de Deus em Portugal: Ciência e Arte*. In *XXIV Jornadas de História da Medicina da Beira Interior*. Castelo Branco: Revista de Cultura, p. 103-110.
- ____ (2011) – *Reais Hospitais Militares em Portugal, 1640-1834: seu contributo para a saúde pública*. «Revista Segurança e Defesa», n.º 17. Lisboa: Diário de Bordo, p. 84-85.

- ____ (2013a) – *Azulejaria de S. João de Deus em Portugal, séculos XVII-XXI. Roteiro Cultural e Turístico*. Lisboa: CLEPUL. Disponível em <http://www.lusosofia.net/textos/20130604borges_augusto_moutinho_azulejaria_de_sao_joao_de_deus.pdf>.
- ____ (2013b) – *Ordens e Assistência: curar em nome de Deus*. In FRANCO, José Eduardo; ABREU, Luís Machado de, coord. científica – *Para a História das Ordens e Congregações Religiosas em Portugal, na Europa e no Mundo*. Lisboa: Paulinas Editora, vol. II, p. 689-704.
- ____ (2013c) – *Enfermeiros e Enfermeiras ao serviço do Exército de Portugal, 1445-1814*. «Revista da Academia Internacional de Cultura Portuguesa». Lisboa: Academia Internacional de Cultura Portuguesa, p. 59-78.
- ____ (2014) – *Cronologia Geral da Ordem Hospitaleira de S. João de Deus em Portugal, 1606-2010*. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, p. 109-162.
- ____ dir. (2015) – *Palácio dos Condes d'Óbidos Sede da Cruz Vermelha Portuguesa: História e Património*. Lisboa: Cruz Vermelha Portuguesa.
- BORGES, Augusto Moutinho; GAMEIRO, Aires (2011) – *Ao serviço da hospitalidade e da cura. Família Hospitaleira*. In FRANCO, José Eduardo, coord. – *O Esplendor da Austeridade. Mil anos de empreendedorismo das Ordens e Congregações em Portugal: Arte, Cultura e Solidariedade*. Lisboa: INCM, p. 301-313.
- BORGES, Augusto Moutinho; FRANCO, José Eduardo, coord. – *Dicionário Crítico e Ilustrado dos Santos Luso-Brasileiros*. Lisboa: CLEPUL. No prelo.
- BROCHADO, Idalino da costa, coord. (1950) – *São João de Deus, homenagem de Portugal ao seu glorioso filho, 1550-1950*. Lisboa: Bertrand.
- CAEIRO, Baltazar Matos (1989) – *Os Conventos de Lisboa*. Lisboa: Distri Editora.
- CARDOSO, Pe. Luís (1767) – *Memórias Paroquiais do reino de Portugal*. Lisboa.
- CARPIO, Felix Lope de Vega (1618) – *Juan de Dios y Antón Martín*. Madrid.
- CARVALHO, Augusto da Silva (1950) – *S. João de Deus. A Ordem de Seu nome. Serviços prestados pelos Hospitaleiros em Portugal*. «Revista Acção Médica», ano XV, n.º 58 e 59. Lisboa: [s. n.].
- CASTRO, Francisco de (2006) – *História da Vida e Obras de S. João de Deus*. Lisboa: Fundação S. João de Deus.
- CASTRO, João Bautista de (1763) – *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno.
- CONCEIÇÃO, Margarida Tavares (2002) – *Da vila cercada à Praça de Guerra. Formação do Espaço Urbano em Almeida. Séculos XV-XVIII*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CORREIA, Frei Joseph (1997) – *S. João de Deus, Pai dos Pobres*. Introdução, transcrição e índice remissivo de Abílio José Salgado e Anastásia Mestrinho Salgado. Lisboa: Multinova.

- CHORÃO, Maria José Bigote (2009) – *A fundação do convento-hospital de S. João de Deus em Lisboa, em 1629*. «Revista Almansor», n.º 8. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, p. 79-98.
- ESPANCA, Túlio (1975) – *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora (zona norte)*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, vol. I.
- FERNANDES, Paulo (1999) – *Arquitectura Portuguesa, uma síntese*. Lisboa: INCM.
- FERREIRA, Sílvia Maria Cabrita Nogueira Amaral da Silva (2009) – *A Talha Barroca de Lisboa (1670-1720). Os Artistas e as Obras*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento, 3 vols.
- FILIPE, Nuno F. (1971) – *A primeira fundação da Ordem Hospitaleira em Montemor-o-Novo*. «Hospitalidade», out-dez. Lisboa: Hospitalidade, p. 274-279.
- ____ (1990) – *S. João que soube amar*. 3.ª ed. Lisboa: Paulinas.
- FONSECA, Jorge (2004) – *Os Hospitais de Montemor-o-Novo entre os séculos XIII e XVI*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Montemor-o-Novo.
- ____ (2009) – *Nobres e burgueses: os mecenas e beneméritos do convento de S. João de Deus de Montemor-o-Novo*. «Revista Almansor». Setúbal: Câmara Municipal Montemor-o-Novo, n.º 8, p. 97-106.
- FONSECA, Jorge; MALTA, João Batista (1996) – *Novos elementos para a história do convento de São João de Deus, de Montemor-o-Novo*. «Revista Hospitalidade», n.º 234. Lisboa: OHSJD, p. 10-14.
- FRÓIS, Virgínia, coord. (2002) – *Conversas à volta dos conventos*. Lisboa: Casa do Sul Editora.
- GAIO, Felgueiras (1992) – *Nobiliário de famílias de Portugal*. 3ª ed. Braga: Carvalhos de Basto, vol VI.
- GAMEIRO, Aires, O. H. (1997) – *Tempo e originalidade assistencial de S. João de Deus, Koinonía, Filoxenia e Martýrion*. Lisboa: Rei dos Livros - Hospitalidade.
- GAMEIRO, Aires, O. H.; BORGES, Augusto Moutinho (2007) – *Alegorias da Fé: S. João de Deus*. In *Catálogo O azulejo nas Caldas da Rainha: Memória, Cerâmica, Brilho, Expressão e Narrativa Alegórica*. Caldas da Rainha: Museu do Hospital e das Caldas, p. 7-11.
- GAMEIRO, Aires, O. H., BORGES, Augusto Moutinho; DORGUETE, José Nunes, O.H.; ANDRADE, Sara Morais Saraiva de (2010) – *Ordem Hospitaleira de S. João de Deus*. In FRANCO, José Eduardo; MOURÃO, José Augusto; GOMES, Ana Cristina da Costa, dir. – *Dicionário Histórico das Ordens e Instituições Afins em Portugal*. Lisboa: Gradiva, p. 175-189.
- GAMEIRO, Aires (2006) – *João Cidade, a identidade portuguesa e a dimensão universal de S. João de Deus*. «Revista Almansor». 2.ª Série, n.º 5. Setúbal: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, p. 7-34.
- GOMES, Josué Pinharanda, coord. (2006) – *A Bibliografia portuguesa relativa a S. João*

- de Deus e às Ordens por ele inspiradas, 1950-2006*. In *São João de Deus, homenagem de Portugal ao seu glorioso filho, 1550-1950* (fac-símile). Badajoz: Alcalá/OHSJD, p. XXI-LI. Com a colaboração de Aires Gameiro, Ana Cardoso, Augusto Moutinho Borges, Estela Rodrigues e Valter Correira. Vide obra bibliográfica completa.
- GOMEZ-MORENO Manuel (1950) – *San Juan de Dios primícias históricas suyas, Dispuestas y comentadas*. Madrid: Provincias Españolas de la Orden Hospitalaria.
- JOÃO DE DEUS, Santo (2006) – *Cartas de San Juan de Dios*. Madrid: Fundación Juan Ciudad.
- LARIOS LARIOS, Juan Miguel (2006) – *Iconografía de San Juan de Dios*. In *Arte e cultura nell'Ordine Ospedaliero di San Giovanni di Dio*. Roma: Cúria Generalizia Ordine Ospedaliero di San Giovanni di Dio, 2006, p. 139-184.
- ____ (2006) – *San Juan de Dios, La imagen del Santo de Granada*. Granada: Comares.
- LAVAJO, Joaquim Chorão (2009) – *Os primeiros Conventos: Montemor-o-Novo e Lisboa*. In *Museu de S. João de Deus: Psiquiatria e História*. Lisboa: Hospitalidade, 2009, p. 77-82.
- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho (1874) – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: [s. n.], vol. II, 1874.
- LIMA, Durval Pires de (1972) – *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Municipal, tomo II, p. 103-105.
- LOPES, Flávio, coord. (1993) – *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado, Inventário*. Lisboa: IPPAR, III vol.
- MARQUES, Cátia Teles (2014) – *Fontes para o estudo das Casas Religiosas de Lisboa: Os livros de Cordeamentos de 1700-1750*. «Cadernos do Arquivo Municipal de Lisboa», n.º1. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, p. 323-339.
- MARTÍNEZ, José Sánchez (1996) – “Pleyto”, 1572. In «*Kénòsis-Diakonía*» en el itinerario espiritual de San Juan de Dios. Madrid: Fundación Juan Ciudad, 1996.
- MATOS, Alfredo; PORTUGAL, Fernando (1974) – *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- MECO, José (1999) – *Algumas fontes flamengas do azulejo português: Otto van Ven Rubens*. «Revista Azulejo», n.º 3/7. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo, p. 23-60.
- MENEZES, Manuel de Sousa (1930) – *O Hospital Militar da Boa Nova*. Angra do Heroísmo: Andrade.
- MENESES, Manuel de (1932) – *O Hospital da Boa-Nova, Angra do Heroísmo*. Angra do Heroísmo: Instituto de Alta Cultura dos Açores.
- MIGUEL, Sidónio (1945) – *Igrejas da Pampulha (S. Francisco de Paula e S. João de Deus)*. «Olisipo», n.º 30/31. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa.
- MOREIRA, Rafael (1986) – *Do rigor teórico à urgência prática: a arquitetura militar*. In *História da arte em Portugal*. Lisboa: Alfa, vol. 8, p. 67-85.
- PEREIRA, Luís Gonzaga (1927) – *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*. Lisboa: Of. Gráfica da Biblioteca Nacional.

- PIMENTEL, Luís Serrão (1680) – *Methodo Lusitano de Desenhar as Fortificações das Praças Regulares e Irregulares fortes de campanha e outras obras pertencentes a architectura militar*. Lisboa: na impressão de António Craesbeeck de Mello.
- QUARESMA, António Martins (2010) – *João Rodrigues Mouro, engenheiro militar oliven-tino em Setúbal*. «Revista de Estudios Extremeños», tomo LXVI, 1. Badajoz: Diputa-ción Provincial, p. 195-238.
- REIS, Carlos Vieira (2005) – *História da Medicina Militar Portuguesa*. Lisboa: Esta-do-Maior do Exército, II vol.
- RUSSOTO, Gabriele (1969) – *San Giovanni di Dio e il suo Ordine Ospedaliero*. Roma: Ufficio Formazione e Studi dei Fatebenefratelli, 2 vol.
- SANCHES, António Ribeiro (1757) – *Tratado da Conservaçam da Saude dos Povos [...] Com hum appendise consideraçoens sobre os terremotos, com a noticia de mais consideráveis, de que faz menção a Historia, e deste ultimo, que se sentio na Europa no 1 de Novembro de 1755*. Lisboa: na Officina de Joseph Filippe.
- SANCHÉZ MARTÍNEZ, José (1996) – «*Kénôsis-Diakonía*» en *el itinerario espiritual de San Juan de Dios*. Madrid: Fundación Juan Ciudad.
- ____ (2005) – *Una Primitiva “Confraternitas” en el Hospital San Juan de Dios de Gra-nada (1556-1572)*. «Archivo Hospitalario», n.º 3, p. 417-429.
- ____ (2007) – *San Juan de Dios “fue de nacion portoguesa, de vn Pueblo llamado Môte-mayor el nuevo...”* (F. de Castro). «Archivo Hospitalario», n.º 5, p. 235-261.
- ____ (2007) – *Hospital San Juan de Dios. Construcción y propiedad histórica (1543-1593)*. Granada: Archivo-Museo San Juan de Dios «Casa de los Pisas».
- ____ (2012) – *Fundación de la Orden Hospitalaria, I. San Juan de Dios Fundador y su Fundación (1540-1590)*. Granada: Archivo Museo San Juan de Dios.
- SANTIAGO, Diogo de (2005) – *Postilla Religiosa e Arte de Enfermeiros: Guarne-ci-da com eruditos conceitos de diversos Authores, sacundos, Moraes e escriturários*. Apresentação Luís Graça; Introdução Aires Gameiro. Lisboa: Alcalá. Fac-símile da edição de Lisboa Ocidental: na Officina de Miguel Manescal da Costa, 1741.
- SANTOS, Zulmira C. (2013) – *Fontes para o Estudo da Santidade em Portugal na Época Moderna*. Porto: Universidade Porto.
- SOUSA, D. António Caetano de (1767) – *História genealógica da casa real portu-guesa*. Lisboa Ocidental: na Officina de Joseph Antonio da Sylva, impressor da Academia Real tomo XII, parte I.